

## Prefácio

Henrique Tahan Novaes

**Como citar:** NOVAES, H. T. *In:* AMARAL, G. **Educação profissional, ensino médio e crise do capitalismo contemporâneo no Brasil**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 17-20.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-126-3.p17-20>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## Prefácio

Me permitam começar este prefácio de uma maneira bastante informal. Conheci o George Amaral em Caxias-MA, num congresso do Histed-BR. Naquela ocasião trocamos muitas figurinhas e ele me perguntou se poderia fazer o doutorado em Marília. No dia da seleção da pós aqui em Marília, devia estar fazendo uns 8 graus, com uma chuva fina e um vento insuportável. Perguntei: você tem certeza que quer vir para Marília?

George é um daqueles alunos que chegou pronto no nosso programa de Pós Graduação em Educação. Os alunos que vêm do Ceará em geral já chegam muito bem formados, trazem muito conhecimento para nossos grupos de pesquisa e já possuem uma formação sólida no marxismo. Ainda não sei explicar, mas quase todos se tornam lideranças políticas.

A vinda de George a Marília abriu muitas oportunidades de diálogo solidário – entre amigos – com o grupo de pesquisa do Prof. Deribaldo Santos (UECE), hoje um grande amigo. Espero que tenha havido o enriquecimento do marxismo de George, ao estar conosco em Marília, num ambiente favorável ao florescimento do marxismo.

A pesquisa de doutorado de George Amaral – agora apresentada ao público na forma de livro – traz uma contribuição fundamental para a compreensão da relação trabalho-educação nos países de capitalismo dependente, especialmente nos anos 2000.

A mundialização do capital sacudiu a relação trabalho-educação baseada no regime de acumulação taylorista-fordista, que de alguma forma

prometia um emprego estável e algum tipo de ascensão social. Desde os anos 1970 o capitalismo caminha para a geração de subemprego estrutural, a promoção da abertura comercial e ampla liberdade para o capital financeiro circular, além de outras contrarreformas do Estado.

Estas mudanças profundas estão levando as personificações do capital nos países dependentes (presidentes, governadores, secretários de educação, presidentes de ONGs, Institutos e Fundações, etc.) a mudar o discurso, sem mudar a essência da relação trabalho-educação. Pedagogia da qualidade total, competências educacionais para a sociedade do conhecimento, empreendedorismo, empregabilidade, gestão da sala de aula passam a fazer parte do repertório – ou melhor, do novo dicionário do capital - a ponto da Unesco pregar a educação para o empreendedorismo. As pedagogias do capital – como não poderia deixar de ser – só podem oferecer soluções epiteliais para os graves problemas criados pela mundialização do capital. Não poderá vir das pedagogias do capital, atualizadas desde 1970, soluções radicais e abrangentes para as questões sociais do século XXI.

O estudo de George Amaral está em sintonia com as teorias que afirmam que as classes proprietárias brasileiras abandonaram completamente a proposta de uma escola pública de massas de qualidade. No máximo, o capital – através do Estado capitalista – tem oferecido escolas integrais para uma pequena parcela da classe trabalhadora, que poderíamos chamar provisoriamente de aristocracia da classe trabalhadora. Mas é preciso lembrar o fundamental: por trás da névoa do novo dicionário do capital e da escola integral para alguns, é possível perceber que não há mais um pingo de compromisso das classes dominantes brasileiras com a escola pública de massas. Ao contrário, a escola pública de massas vem sendo profundamente precarizada, deteriorada, sem condições mínimas para o exercício do trabalho docente. Neste contexto, os filhos da classe

trabalhadora ficam aos *deus dará*, sem futuro, sem possibilidades de viver. Se não temos mais a dualidade clássica que vigorou até os anos 1970, agora temos a dualidade complexificada, uma vez que parcelas da classe trabalhadora até chegam a entrar no ensino superior, mas no ensino superior privado, de baixa qualidade.

Existem várias determinantes para a criação um sistema educacional estatal de baixa qualidade, mas se permitem, há um determinante principal: a inserção subordinada e dependente das nossas classes proprietárias na divisão internacional do trabalho resulta na não necessidade de criar uma escola pública de qualidade para as maiorias e muito menos centros de qualificação, como nos países imperialistas. Para piorar, nossa indústria foi destruída. Estamos passando por uma reversão neocolonial, e as colônias não precisam de muita mão de obra qualificada. As *competências* requeridas nos países neocoloniais como o Brasil são mínimas, numa produção de *baixa* tecnologia. Serventes de pedreiro, atendentes de telemarketing, garçons e empregadas domésticas não precisam de muita qualificação.

O livro de George Amaral nos mostra – em alguns momentos nas entrelinhas e outros de forma mais explícita, que na ausência de alterações radicais e concomitantes no mundo da escola e no mundo do trabalho, tendo em vista a construção da sociedade para além do capital, reformas positivas no Estado se tornam pífias e podem ser rapidamente revertidas. As políticas educacionais do lulismo para a educação, especialmente o decreto de 2004, na prática não substituiu o decreto de Fernando Henrique Cardoso de 1997.

A mercantilização da educação continuou a pleno vapor, não foram criadas políticas de integração que de fato integrassem a educação profissional com a educação geral. Nos Institutos Federais não foram selecionados e formados professores dentro da perspectiva da educação

omnilateral, politécnica ou integral. Chega a ser curioso, mas muitos destes professores doutores que conseguiram um emprego estável como nos Institutos Federais, votaram contra o lulismo nas últimas eleições. Não há sequer uma identidade com a proposta melhorista do lulismo.

George Amaral realizou uma pesquisa de grande envergadura, recuperou os determinantes históricos mais importantes da história do Brasil - se apoiando em clássicos do pensamento social marxista brasileiro e internacional - para chegar ao debate da educação profissional nos anos 2000, sempre dialogando com nossos melhores intérpretes. Ele analisou o decreto de 2004 sem cair na armadilha da análise das leis, decretos e normas do Estado capitalista. Levou em conta as forças sociais que os sustentam, as possibilidades alternativas e as aberturas históricas, buscando a análise concreta da realidade educacional concreta.

Espero que vocês tenham a mesma alegria que eu tive ao orientar e debater com George Amaral nos últimos 4 anos. Boa leitura em tempos de pandemônios e pandemias.

5 de maio de 2021

Mais um dia frio em Marília, com no mínimo 400 mil mortos no Brasil pela gestão criminoso do coronavírus

*Henrique Taban Novaes*  
PPGE-UNESP-Marília